#### UNIVERSIDADE DE COIMBRA FACULDADE DE LETRAS

### FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

15 INSCRIÇÕES 64-68



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA COIMBRA 1985 FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O FICHEIRO EPIGRÁFICO publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of CONIMBRIGA whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even been ommitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'ENCARNAÇÃO
Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA
Maria Manuela Alves DIAS

Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

### FICHEIRO EPIGRÁFICO

# Suplemento de Conimbriga ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA" (2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.





### FRAGMENTO DE ARA A ENDOVÓLICO, DE JUROMENHA

(Conventus Pacensis)

**Гото 64** 

Este fragmento de ara votiva, em mármore branco de Estremoz-Vila Viçosa, com pequenas formações calcíticas, foi encontrado no Verão de 1978, caído no fundo da torre em ruínas da igreja de N.ª S.ª do Loreto, dentro do castelo de Juromenha (Alandroal), por José Manuel Camarinha, residente em Elvas, que a tem à sua guarda.

Apresenta, na parte superior, uma cavidade de  $13.5 \times 14$ , aberta também para a parte de trás, e que se prolonga para a frente através de um orifício de  $4 \times 6$ , o que revela ter sido a pedra utilizada como apoio do eixo de um dos sinos da torre (¹).

A reutilização determinou, ainda, fracturas nos cantos inferior e superior direitos, tendo as várias faces alisadas, mesmo a do lado esquerdo, sido em grande parte fracturadas. A ara foi também cortada em toda a sua parte inferior e, atrás, além da cavidade já referida, apresenta dois pequenos sulcos.

Dimensões:  $32 \times 34/36 \times 14/15$ . Campo epigráfico:  $32 \times 17$ .

<sup>(</sup>¹) De resto, os quatro arcos sineiros têm, apenas com excepção de um dos pés direitos, metidas de topo, pedras de mármore talhadas nos mesmos moldes e com semelhantes dimensões, tendo esta sido substituída, não se sabe quando, por ter sido rompida de alto a baixo pelo eixo do sino. Daí o supor-se que, sendo as demais pedras do mesmo tipo e as únicas de mármore existentes na torre, haja a possibilidade de, pelo menos algumas delas, serem fragmentos desta ou de outras aras. A torre tem actualmente apenas o sino, com a inscrição N. S. do Loreto 1772 (com os setes ao contrário).

ENDOVOLLICO / SACRVM (hedera?) POS(uit) / T(itus) ANNIVS (hedera?) / VS[...] R[...] PATRV[?] /  $^{5}$ [...]

Consagrado a Endovólico. Tito Ânio (...) colocou (...).

Altura das letras: l. 1: 3/3,3; l. 2: 3/3,6 (0 = 3); l. 3: 3,3/3,7. Espaços: 1: 1,3; 2: 1; 3: 1,3.

Paginação com alinhamento à esquerda, pelo menos nas duas primeiras linhas. Parece-nos distinguir uma hera após o M (l. 2) e uma outra, bem cordiforme e de pecíolo vertical, a preencher o espaço em branco da l. 3. Caracteres actuários, denotando aqui e além, apesar da perfeita circularidade do O, uma irregularidade de ductus: veja-se a assimetria do N e a grande abertura do M; R feito nitidamente a partir do P.

Se as duas primeiras linhas não oferecem dificuldade — a grafia Endovollico está documentada — não poderemos garantir se o T da l. 3 não será o final de POS/[VI]T. Nesse caso, o dedicante identificar-se-ia pelo gentilício (Annius) e por um cognome (l. 4). Em todo o caso, parece-nos mais lógico interpretar T. Annius, designadamente porque há um T. Annius Aper entre os devotos de Endovélico ( $^2$ ).

Infelizmente, a inscrição está incompleta e a l. 4 oferece insuperáveis dificuldades de leitura e de interpretação. Interessava-nos, de modo particular, saber se patru (?) está relacionado com patres no sentido de antepassados, porque, em caso afirmativo, este ex-voto seria mais uma prova de que o culto a Endovélico passava de pais para filhos, como outras inscrições documentam (IRCP, p. 804-5).

Aproveitada como elemento arquitectónico, a ara foi trazida, sem dúvida, do santuário de S. Miguel da Mota, na vizinha freguesia de Terena.

Pela paleografia, é monumento atribuível ao séc. 1 da nossa era.

MANUEL JUSTINO PINHEIRO MACIEL TARCÍSIO DANIEL PINHEIRO MACIEL

<sup>(2)</sup> José d'Engarnação, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis* (= IRCP), Coimbra, 1984, n.º 485. Cfr. ibidem, p. 800-805, para o culto a esta divindade indígena.



**Гото** 64

### FRAGMENTO DE PLACA FUNERÁRIA DO MONTE DO PASSO, ELVAS

(Conventus Pacensis)

**Гото** 65

Fragmento de placa funerária, encontrada por um de nós (T.D.), em 25 de Fevereiro de 1984, sobre o terreno, junto ao canal de irrigação do Caia, no Monte do Passo, freguesia de Caia/S. Pedro (Elvas). Encontra-se actualmente no Museu de Elvas.

Em mármore de Estremoz-Vila Viçosa, serviu possivelmente de soleira de porta, a julgar pelo desgaste que se verifica nas l. 1, 2 e 3. Tem os cantos superiores arredondados, com fracturas no canto superior esquerdo, no lado inferior esquerdo e em toda a parte inferior. Os lados e a parte posterior estão apenas sumariamente desbastados (¹).

Dimensões:  $34 \times 22,5 \times 5,5$ . Campo epigráfico:  $45 \times 32$ .

<sup>(</sup>¹) O contexto arqueológico romano em que surge esta lápide, no Monte do Passo, é deveras significativo. Para além de um cipo anepígrafo em granito, com as dimensões 45 × 19,5 (fuste) / 21,5 (plinto) × 15,5 (fuste) / 17 (plinto), encontrado na mesma data, vêem-se, à superfície, grandes blocos de granito em cantaria, placas de revestimento de mármore, terra sigillata, etc. Há referências orais a um possível theatrum e respectiva cavea, actualmente destruída ou soterrada. Nos arredores, em Moralves, subsiste ainda o paredão de uma barragem romana e, na Herdade do Correio-Mor, uma represa, resto de aqueduto e outras construções, mós e muita cerâmica. No Botafogo e em Moralves, colunas de mármore. Tudo o que nestas herdades se encontrava solto em terrenos de remeximento agrícola foi recolhido em 1983-84 para o Museu de Elvas.

APONIA NARCISSA / H(ic) S(ita) E(st) S(it) T(ibi) T(erra) L(evis) /[...] B[...] N[A]R[C]ISSO[?] /[...] OS (?)[...]

Aqui jaz Apónia Narcissa. Que a terra te seja leve... Narcisso...

Altura das letras: l. 1: 2,5/3,4 (I = 4,1; R = 3,5); l. 2: 2; l. 3: 3 (?); l. 4: 2,3 (?). Espaços: 1: 0,5; 2: 1,4; 3: 1,8.

Nada se pode adiantar acerca da paginação nem da pontuação (eventualmente incluída na l. 2). Caracteres actuários de tamanho irregular; P não fechado, barras horizontais pouco perceptíveis; B (l. 3) assimétrico.

Parece-nos bastante plausível a reconstituição das fórmulas finais na l. 2. Na l. 3, estaria, por conseguinte, a identificação do dedicante: *Narcisso* seria hipótese aliciante mas a presença dum dativo causaria problemas de interpretação.

Aponia é gentilício com outros testemunhos na Península (ILER, p. 660), embora no conventus Pacensis só se registe um outro Aponius, em Tróia (IRCP 214). Narcissa é cognome de raiz grega que se documenta também num ex-voto a Endovélico (IRCP 540).

Paleograficamente, é epígrafe dos finais do séc. 1.

MANUEL JUSTINO PINHEIRO MACIEL TARCÍSIO DANIEL PINHEIRO MACIEL



**Гото** 65

### ÁRULA FUNERÁRIA DA HERDADE DAS CALDEIRAS, ELVAS

(Conventus Pacensis)

**Гото** 66

Esta árula foi encontrada no ano de 1982, na Herdade das Caldeiras, freguesia de Caia/S. Pedro, concelho de Elvas, perto do actual caminho que se dirige para o rio, do lado esquerdo, a cerca de duzentos metros da ponte soterrada nos arrozais do Caia (¹), pelo Eng. Manuel da Luz Claudino, no decorrer de uma terraplanagem. Encontra-se actualmente no Museu de Elvas, por oferta do seu achador.

Em mármore de grão pouco fino, de cor branca com veios esverdeados, tem ligeira fractura no canto esquerdo da cornija, sendo as ligações do fuste ao plinto e à cornija molduradas nas quatro faces em meia cana. Acima da cornija está delineado um frontão  $(10,5\times7)$  onde estão inscritas as letras D.M.S.; na base, há uma pequena fossette circular de  $4,5\times2$ .

<sup>(</sup>¹) Desta ponte só se conseguem ver, do lado jusante, algumas aduelas de um arco e sinais de outro. O que é possível observar actualmente permite supor, nesta construção, uma obra originariamente romana. A jusante, já na Herdade de Alfarófia, sobre pequena elevação, há restos de alicerces onde se vêem vestígios de opus signinum e tessellae soltas. Em toda a zona circundante recolheram os autores, para o Museu de Elvas, sobre o terreno revolvido pela exploração agrícola, mós, terra sigillata, duas moedas do Baixo Império, etc. Notícias: Alfarófia, povoado romano condenado a desaparecer, sem indicação de autor, in «Cadernos do Centro Elvense de Arqueologia» (Elvas) 3 (1978), 11-15; J. Alarcão, Portugal Romano, 1983, p. 207 (indicação em mapa de mosaicos, n.º 45).

13 8,5

Dimensões:  $30 \times 12 \times 7/8$ 

13,5 10,5

Campo epigráfico:  $13,5 \times 11,3$ .

D(is) M(anibus) S(acrum) / FESTIVO / MARITO / BENEME- / RENTI /  $^5$  HELPIS F(ecit) / H(ic)  $\cdot$  S(itus)  $\cdot$  E(st)  $\cdot$  S(it)  $\cdot$  T(erra)  $\cdot$  L(evis) / ANORVN (sic) LV (quinque et quinquaginta)

Consagrado aos deuses Manes. Helpis fez a Festivo, marido digno de merecimento, de cinquenta e cinco anos. Aqui jaz. Que a terra (te) seja leve.

Altura das letras: l. 1: 1/1,3; l. 2: 1/1,1; l. 3: 1,1/1,4; l. 4: 1/1,3; l. 5: 1,5/1,6; l. 6: 1,5/1,7; l. 7: 1,4; l. 8: 0,9/1,5. Espaços: 1 a 5: 0,8; 6: 0,5.

Paginação com alinhamento à esquerda. Pontuação, em forma de pequenos sulcos, existente só na fórmula final. Caracteres actuários, irregulares, com tendência para o cursivo nas barras horizontais, designadamente no E e no F. Na penúltima linha, grafou-se F em vez de E, omitiu-se um T (quiçá por distracção ou por falta de espaço). Na última linha, escreveu-se desajeitadamente ANNORVM por extenso, mas só com um N e sem a última perna do M — quase ia faltando espaço para a idade, ficando o V acima da barra do L. No conjunto, um texto desequilibrado, apesar da graciosidade do suporte e do recurso, que é frequente, à inserção (muitas vezes prévia) da invocação aos Manes no frontão.

O cognomen Festivus é latino (Kajanto, The Latin Cognomina, Helsínquia, 1965, p. 260), predominando a sua utilização na forma feminina, única, aliás, em que (a darmos crédito aos índices de ILER, p. 693) ele aparece na Península Ibérica. Helpis, por seu turno, é de origem grega e não atinge a dezena o número de testemunhos registados na Península (ILER, p. 688 e 701). Poderemos estar na presença de escravos — cuja posição social o uso do vocábulo «marito» (reservado aos ingenui) pretendia ocultar.

Pela paleografia, pelo formulário e pela presença do superlativo, é monumento atribuível aos finais do séc. 11 — princípios do 111.

Manuel Justino Pinheiro Maciel Tarcísio Daniel Pinheiro Maciel



**Гото** 66

# FRAGMENTO DE UMA ARA DA SR.ª DA GRANJA (IDANHA-A-NOVA)

(Conventus Scallabitanus)

**Гото 67** 

Identificado, em 1980, na ermida da Sr.ª da Granja (¹), freguesia de Proença-a-Velha, concelho da Idanha-a-Nova, o presente monumento corresponde ao fragmento de uma ara em granito de grão médio, pátina acastanhada; falta a base e a parte inferior do campo epigráfico.

Encontra-se actualmente (Junho 1985) na posse de um lavrador de Aldeia do Bispo.

Dimensões:  $40 \times 27 \times 15$ .

MATERNVS / TONG[I F(ilius)] / [...]

Materno, filho de Tôngio ...

Altura das letras: l. 1: 3/3,2; l. 2: 3,5/3,7. Espaços: 1: 2; 2: 1,7.

Pela análise do que resta da ara, nota-se ter tido uma paginação cuidada, com boa distribuição das letras no campo epigráfico. O ordinator foi forçado, na l. 1, à gravação de um nexo em MA para cabimento do cognome numa só linha.

Refere o monumento um Materno, filho de Tôngio, o que documenta a aculturação antroponímica: o pai usa ainda um nome

<sup>(</sup>¹) Deste local provêm ainda outras cinco inscrições que, a seu tempo, serão divulgadas.

celta, enquanto o filho optou por um antropónimo latino. *Maternus* é cognome bastante frequente nas áreas célticas do mundo romano (²), inúmeras vezes atestado na Península Ibérica (*CIL* II p. 1086-7).

Tongius é um antropónimo próprio da Lusitânia (3).

A ara, datável paleograficamente do séc. 1, poderá ter sido dedicada a uma divindade cujo nome se encontraria nas linhas seguintes.

M. LEITÃO



**Гото** 67

 <sup>(2)</sup> Iiro Kajanto, The Latin Cognomina, Helsínquia, 1965, p. 80 e p. 303.
 (3) Jürgen Untermann, Elementos de un atlas antroponimico de la Hispania Antigua, Madrid, 1965, p. 173-174, mapa 76.

#### CUPA DE ALCABIDECHE

(Conventus Scallabitanus)

**Гото 68** 

Encontra-se metida na parede norte da igreja matriz de Alcabideche (concelho de Cascais), uma cupa funerária romana em mármore róseo de S. Domingos de Rana, com inscrição. Identificámos o monumento a 6 de Setembro de 1985, porque o topo epigrafado— e só este—fora posto a descoberto quando se procedia a obras de beneficiação do templo (¹).

Apesar das escoriações sofridas e de apresentar um certo desgaste, a superfície epigrafada está praticamente completa, tendo apenas desaparecido o final das l. 1, 4 e 5, que, no entanto, pensamos poder reconstituir sem dificuldade.

Dimensões: ?

Campo epigráfico:  $45 \times 48$ .

G(aius) · IVLIVS GAL(eria tribu) R[V]/FVS · AN(norum) · XXV (quinque et viginti) / H(ic) S(itus) E(st) /  $\dot{\text{ET}}$  · IVLIA · G(aii) · F(ilia) · FVN[DA]/ $^5$ NA · H(ic) [S(ita) E(st)]

Aqui jaz Gaio Júlio Rufo, da tribo Galéria, de vinte e cinco anos, e aqui jaz Júlia Fundana, filha de Gaio.

Altura das letras: 4,5. Espaços: 1: 13; 2 a 5: 1,5; 6: 4.

<sup>(</sup>¹) Agradecemos ao P.º Luís de Jesus Fialho de Almeida, prior da freguesia, a possibilidade que nos deu de fazer o seu estudo. Noticiámos o achado no «Jornal da Costa do Sol» (Cascais) de 12-IX-1985.

Paginação segundo um eixo de simetria. Pontos pouco perceptíveis, nem sempre existentes. Caracteres actuários, de um modo geral levemente inclinados para a direita (designadamente, o S). G de haste breve, vertical; A sem barra na l. 2; barra do L curta.

Cremos justificável a leitura Rufus: do R falta somente a parte superior, o V cabe se atendermos à falha da pedra, do F não se percebem distintamente (devido ao desgaste) as barras horizontais. Fundana também não sofrerá contestação, tanto mais que é cognome documentado no termo de Olísipo (2). Aliás, Rufus não é, igualmente, um cognome ímpar na zona: C. Iulius Rufuus (CIL II 4996) e L. Terentius Rufus (CIL II 5227).

Trata-se, pois, de mais um testemunho da gens Iulia, adscrita pela tribo Galéria ao município de Lisboa, a juntar aos outros já conhecidos do concelho de Cascais (3). É, no entanto, a primeira vez que surge um G. Iulius: a omissão da filiação denuncia-lhe, de resto, a origem indígena.

O epitáfio terá sido mandado gravar pela filha, quiçá ainda em vida (daí a não-indicação da idade), para o pai e para si própria.

Pela paleografia, pela ausência da invocação aos Manes, omissão do voto S.T.T.L. e simplicidade do texto — poderemos datá-lo da primeira metade do séc. 1 da nossa era.

Guilherme Cardoso José d'Encarnação

<sup>(2)</sup> Cfr. CIL II 212, 290 (Iulia Fundana), 4997 e 5099. Deve juntar-se-lhes Iunia Fundana, por nós encontrada em Caparide (J. d'Encarnação e G. Cardoso, Caparide ao tempo dos Romanos, «Arquivo de Cascais» 3, 1981-2, p. 90-91). CIL II 4997 provém, muito provavelmente, de S. Domingos de Rana (cfr. «Revista de Guimarães» 67 1977 p. 60).

<sup>(3)</sup> Cfr. Encarnação (José d'), *Inscrições romanas de Cascais*, «Museu-Biblioteca do Conde de Castro Guimarães — Boletim n. 2», Cascais, 1971, inscrições n.ºs 2 (pai e filha), 4, 5 e 9.



**Гото** 68